Jaison Lorenceti

Fazenda Mágica



COLEÇÃO

Ecos & Contos

EDITORA UNIFEBE

Jaison Lorenceti

Ilustração
João Guilherme Cabral Marchi

Fazenda Mágica

Brusque, 2026

COLEÇÃO
Ecos & Contos
Vol. 4

EDITORA UNIFEBE

Rosemari Glatz
Presidente da FEBE
Reitora da UNIFEBE

Sergio Rubens Fantini
Vice-Presidente da FEBE
Vice-Reitor e Pró-Reitor de
Administração da UNIFEBE

Sidnei Gripa
Pró-Reitor de Graduação

Edinéia Pereira da Silva
Pró-Reitora de
Pós-graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura

Leonardo Ristow
Diretor do Colégio
Universitário UNIFEBE

Conselho Editorial

Titulares
Arina Blum
Edinéia Pereira da Silva
Carla Zenita do Nascimento
Angela Sikorski Santos
Sidnei Gripa
Rosana Paza
Wallace Nóbrega Lopo
Aline Sturmer
Anna Lúcia Martins Mattoso
Eliane Kormann
Ricardo José Engel

Suplente
Rosemari Glatz
Aline de Souza
Elisiane Mafezolli
Luzia de Miranda Meurer
Fernando Luís Merízio
Rafaela B. Venturelli Knop
Rodrigo Blödorn
Julia Wakiuchi
Joselγ Cristiane Rosa
Joel Haroldo Baade
Jorge Paulo Krieger Filho

Produção Editorial

Equipe da Editora UNIFEBE
Arina Blum
Fabiana Boos Vasquez
João Guilherme Cabral Marchi
Maria Alice Mattoso Camargo
Peterson Paulo Vanzuita
Robson Souza dos Santos

Coordenação Editorial
Arina Blum
Rosemari Glatz

Supervisão de Design
Arina Blum

Projeto Gráfico
João Guilherme Cabral Marchi

Colaboração no Projeto Gráfico
Cristina Paoli

Diagramação
João Guilherme Cabral Marchi

Capa
João Guilherme Cabral Marchi

Ilustração
João Guilherme Cabral Marchi

Revisão de texto
Rosana Paza
Fabiana Boos Vasquez

Conferência de texto
Fabiana Boos Vasquez

Editora UNIFEBE
Centro Universitário da Fundação
Educacional de Brusque - UNIFEBE
Fundação Educacional de Brusque - FEBE

Rua Vendelino Maffezzolli, 333
Bairro Santa Terezinha
Brusque- SC, Brasil
CEP: 88352-360
Caixa Postal: 1501
Telefone: (47) 3211-7000
Site: www.unifebe.edu.br
E-mail: editora@unifebe.edu.br

Lorenceti, Jaison
Fazenda mágica / Jaison Lorenceti. - Brusque : Ed. UNIFEBE, 2026.
44 p. ; il. color. ; 23.300 kb. - (Ecos & contos ; v. 4)

ISBN 978-65-83344-44-1

1. Contos brasileiros. 2. Famílias. 3. Culinária. I. Título. II. Série.

CDD B869.3

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2026 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Esta obra não tem fins lucrativos ou econômicos. Sua publicação é destinada exclusivamente a fins educacionais, culturais e de pesquisa.

COLEÇÃO

ECOS & CONTOS





Apresentação

Quando o escritor publica sua obra ele revela um mapa. Entretanto, não demora mais que uma vírgula, para se recalcular a rota ou mesmo até seguir pela trilha que emergiu de seu imaginário em busca de novas perguntas. E, como peregrino, percebe que muitos leitores já estão além de suas pistas.

Então, o escritor tateia a vastidão das paredes entre o tempo e o espaço, onde se escondem as Letras do Tesouro. E, por mais que avance no profundo mistério, encontra extensões de si mesmo. O polo se inverte — é o poder da leitura. Logo, se vê inerente à sua criação.

Assim, faço um profundo agradecimento pela oportunidade destas publicações: O Astro Menino e Fazenda Mágica. São dois contos literários produzidos sob a pequena chama acesa no pavio da consciência que, ao pouco revelar, também abre um imenso mapa existencial da condição humana. Sob este imenso escrutínio da vida, somente a literatura tem o poder de iluminar.



Parte 1

Vó Gertrudes adorava fazer mágica para os netos, Clara e Arthur. Com a sua colher de pau, no rancho próximo às nuvens, do qual ela nunca saíra para conhecer além das porteiras da Terra das Corujas. Nesse campo encantado, havia uma senhora de avental esvoaçante, que escondia os conhecimentos mágicos.

Nas férias da escola, os netinhos visitavam-na. O sítio era um parque deslumbrante, atrações que a grande metrópole não oferecia aos pequeninos, a começar pela fumaça da chaminé, vista do pé da serra. O fumaceiro sempre acenava boas-vindas, como um festival prestes a ter início.



No casebre de madeira retorcida pelo sol, com falhas para dar passagem ao vento, Clara e Arthur abraçavam o corpo perfumado da avó. A cada ano, o aroma do sítio penetrava mais no avental da vovó e desfigurava as flores que cobriam o pano. Ou até poderia se dizer ao contrário, pois as rosas do sítio também exalavam o mesmo perfume da matriarca. Tudo na vovó era sítio.





Fogão a lenha, sempre aceso, água fervendo, bule de café e os netinhos sentados à mesa, próximo à janela, onde o vento soprava de leve as dobradiças, criando um ruído que na cidade grande seria imperceptível.

Vejam esses ovos, o que vocês acham que tem dentro? Falou Gertrudes, com voz magistral.

Um pintinho! Disseram ambos na mesma hora.

Ela levou-os ao galinheiro e mostrou os ovos nas cestas. Pintinhos e galinhas ficaram a fazer o barulho habitual do poleiro.



Retornou à cozinha com os netos, embrulhou o ovo sob o lençol, mexeu as mãos na cartola e, num movimento misterioso, rondando o seu avental, os ovos foram quebrados na frigideira de aba rasa. Gertrudes sibilava o canto do passarinho que lhe acordara sempre pela manhã, enquanto Clara e Arthur assistiam ao ovo sendo estalado.

Disse Gertrudes:



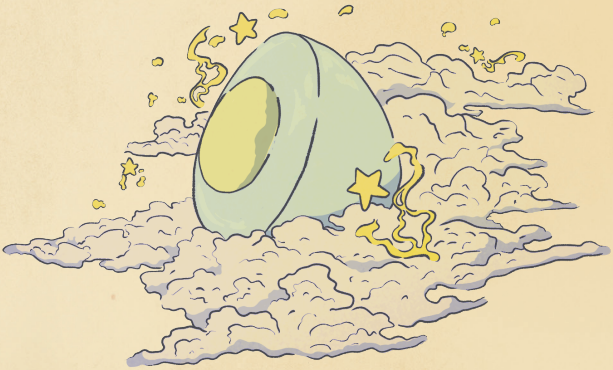
Estão vendo, meus pequeninos? Aí está o sol, melequento e derretido, prontinho para vocês comerem.

Agora apresento mais um número e esta noite não teremos lua no céu, por causa disso. A matriarca sabia que o tempo iria mudar, pois conhecia as nuvens.

Tirou da chaleira o ovo cozido, lançou de uma mão para outra por várias vezes, até que ele esfriasse.

Quando o sol esfria, a lua nos aquece e nos faz sonhar, dizia.

Clara e Arthur já sabiam do ovo cozido, pois também comiam em casa, porém, os feitos pela Vô Gertrudes tinham gosto de lua cheia e o calor do sol esfarelado que se limpava com os dentes.



Aqui está: A lua sem furos que engoliu o sol, meus amores, degustem!

Clara e Arthur brincavam no bosque e para eles não havia nenhuma fruta sem magia.



Não sabiam, mas vó Gertrudes espiava os seus aprendizes de longe, com olhos marejados ao ver o sorriso que as crianças estampavam no seu jardim, os seus inesquecíveis momentos mágicos que só se repetiam nas férias escolares.



Parte 2

Clara e Arthur retornaram ao sítio e ultrapassaram a porteira na carroça da tobata do vô Nelson. A mudança do carpete do carro de luxo dos pais para o assoalho surrado, com cascas de legumes entre as gretas, era uma transformação de mundos. O barulho do motor e as rodas rudes do veículo rural deixavam para trás, como quem domina o território, o cano de descarga silencioso e os pneus macios da camionete.

Clara e Arhur fizeram a parada obrigatória na bica de água próxima ao bambuzal, onde o vô Nelson esperava desde as primeiras horas da manhã.

Na troca de ambientes, as crianças encheram os pulmões de ar, mas o suspiro foi menor do que no ano anterior. No pé da serra, onde ficava um grande galpão de serviços, já estava a vó Gertrudes. Ela notou que eles cresceram, embora o seu coração não admitisse.

O avental da vovó estava com novas pétalas, assim como os olhos dos seus netinhos – as estações estavam mudando na Terra da Coruja. O casebre aumentou de tamanho e já não dava passagem para o vento entre as frestas. O ruído das dobradiças perdeu-se em meio ao ronco das máquinas.



Ainda assim, vó Gertrudes adorava fazer mágica para os netos, Clara e Arthur. Os pais, Carlos e Mariana, contaram que passaram bem a temporada de trabalho, adentraram em assuntos econômicos e políticos. As crianças, mesmo sabendo que tudo era um truque, ficavam na cadeira para esperar por algum número mágico novo, que pudesse, porventura, impressioná-los.



O almoço fumegava em cima do fogão a lenha.

Vó Gertrudes encarregou-se de fazer o prato, quando foi interferida por Arthur ao pegar a salada de tomate com cebola.

Vó, eu não gosto de salada, pode tirar do prato.

Clara fez o mesmo.

Vó, tira o aipim, eu não gosto!

Os pais ficaram indiferentes, acostumados ao "não gosto" dos filhos.

Carlos lembrou que na semana anterior levou os filhos ao restaurante e que eles só comeram batatas fritas, com arroz branco (seco) e sem verduras.

Mas comemos sorvete de sobremesa – disse Clara.

Gertrudes, vendo que os netos estavam em apuros, amarrou o avental, sabia que precisava agir magistralmente.

Cebola e aipim, não façam assim, os meus netinhos vão ser hipnotizados sim-bi-lim. Dizia repetidamente.

Mesmo "crescidos", Clara e Arthur entraram na brincadeira – pois amavam a vovó artista.

Ai de mim! Ai de mim! Se Clara e Arthur não comerem esse aipim.



Cebola sem bola, se comerem cebola, poderão jogar bola.

Bola, bolinho e bolão, quem comer cebola, ganhará um pedação!

Os netos aplaudiram a performance e comeram pelo tratado da mágica.

Vô Gertrudes colocou nacos de cebola e duas colheres de aipim em cada prato – já negociando que jogaria futebol com os netos no período da tarde. Entre caretas e conversas, o almoço deu boas-vindas às férias no sítio. Percebeu que a sua mágica com os netos havia perdido o poder de persuasão, e que brincar de qualquer coisa junto deles seria o próximo nível da "Sétima Arte".



Só Fazenda

Férias escolares, Clara e Arthur chegam ao sítio. Vô Nelson estava mais distante – havia saído para auxiliar a matar porco no sítio dos Alvarengas, na Terra dos Tucanos. Somente Carlos acompanhou os filhos – a mãe Perséfone precisava complementar outros afazeres da carreira profissional na cidade. Agendas do tempo moderno e voraz.

Já adolescentes, os netos de Gertrudes não acreditavam mais em mundo mágico. A tobata do vô Nelson estava no canto do rancho, sem sinais de uso. Vó Gertrudes usava um avental com girassóis. A matriarca desceu em direção ao carro, sem demonstrar fraquezas das dores que lhe afligiam os ossos. Os netos saíram do carro com normalidade, parecia que visitariam um lugar qualquer desconhecido. Abraços, cumprimentos e convite dos anfitriões para ficarem à vontade. Apenas tempo suplantando tempo; mas, especial por ser muito familiar.

Vô Gertrudes preparava o jantar, sempre de olho nos netos que estavam na varanda. Clara e Arthur, sem esperar por nada mágico, mexiam no celular. Pareciam absortos sem ter um ávido sentimento de esperar algo mágico, como uma plateia que perfila cadeiras de um teatro vazio.

Carlos interagia com a mãe, mas, por vezes, recorria ao celular para verificar as redes sociais. O velho sítio perdera a alma, os truques, barulhos estranhos e não era mais o palco de novidades. Vô Nelson chegou trazendo morcilhas e torresmo. Ofereceu aos netos, por educação, sabendo que eles não gostavam da iguaria.

Entre conversas e vozes, Gertrudes sente uma tontura, pede licença para deitar e diz que o almoço está pronto – vão comer, minhas crianças, não se preocupem comigo, é só uma fraqueza, disse. Nelson serviu o almoço, com ajuda de Carlos. Clara e Arthur ficaram preocupados, mas entenderam que nada grave afetaria a saúde da vó Gertrudes.

Não passaram todo o período de férias na Terra das Corujas. Viagens para grandes centros ainda estavam previstas. À noite, uma Coruja piou forte, sinal de morte – poderia ser o fim do teatro de encantos que o tempo tratou de abafar.



Usando vestido cor de camurça, cor única que lembra cominho, sapatinhos pretos e uma bolsa fina – só com documentos pessoais e R$1.000 em dinheiro para pagar a consulta – Gertrudes, com seus cabelos brancos alvos, entrou no elevador apoiada pelo braço da neta Clara, já mulher formada. Sentia-se desnorteada, confusa e tinha a sensação de entrar numa lata sufocante. Do sítio até a cidade, Gertrudes não sabia o que esperar da viagem.

Clara estava levando a avó para efetuar exames do coração. Quando saiu da sala médica, Gertrudes caminhava com passos em dificuldade, por não conhecer o ambiente. Muitas portas, muitas luzes, o som da metrópole assustavam o coração enfraquecido. Clara era prestativa e fez de tudo para não assustar a matriarca com os truques que a cidade prega aos seus residentes.

Quando voltou para o sítio, no fim da tarde, quando o sol descambava para o descanso, Gertrudes deu o abraço na neta e pediu desculpas por incomodá-la. Clara saiu da casa retribuindo o sorriso, escondeu o choro, que só largou no carro. A cirurgia estava marcada, mas as cortinas de Gertrudes se fecharam para sempre.





Cozinha Molecular
Parte 2

Nos bancos da faculdade, as receitas de Vó Gertrudes deixam de ser mágicas para serem experimentos físicos e químicos. Dez anos depois da morte da vó, Arthur virou cozinheiro profissional, fez uma apresentação das receitas no restaurante em que trabalhava em Paris.

Usando como exemplo o próprio alimento elementar da gastronomia molecular, o hábil cozinheiro usou pó de milho para reproduzir um ovo-sol.



Quando o sol esfria, a lua nos aquece e nos faz sonhar – usou a frase da avó.

Com essência de aipim criada no seu laboratório, Arthur fez sucesso com o suflê, reunindo todos os ingredientes transformados na cozinha molecular. As mágicas do master-chefe ficaram nas palavras, jamais esquecidas.

Cebola e aipim, não façam assim, vocês vão ser hipnotizados, sim-bili-lim!

Cebola sem bola, se comerem cebola, poderão jogar bola – se voltando para as crianças no restaurante.

Bola, bolinho e bolão, quem comer cebola ganhará um pedação!

Clara estava no Brasil, assistindo a uma peça teatral – adorava espetáculos que retratavam a vida em família.

Na Terra das Corujas, gorjeavam sons mágicos.







Jaison Lorenceti é profissional da comunicação e radialista, com 25 anos de atuação no rádio. Ao longo de sua trajetória, construiu uma relação próxima com a informação, a palavra e as histórias que fazem parte do cotidiano das pessoas. Além do trabalho na comunicação, dedica-se à literatura, especialmente à escrita de contos e poesias, espaço onde transforma experiências, sentimentos, observações e inquietações em narrativas. Diante da ampla atividade da rádio difusão e a vida com escrita, permeada com as linhas fundamentais do Jornalismo, como escritor literário, Jaison encontra diferentes formas de comunicar e estabelecer conexões com o público, seja ouvinte ou leitor. Entre a comunicação e a escrita, Jaison busca promover o diálogo, sob a ótica pluralidade social, promovendo a reflexão e valorizando as relações entres os leitores , como o próprio Elo do desenvolvimento humano.

Na Terra das Corujas, Vó Gertrudes transforma o cotidiano em encantamento. Com sua colher de pau, o avental esvoaçante e os saberes guardados entre o fogão a lenha e o sítio, ela apresenta aos netos, Clara e Artur, um quê de mistérios em meio à natureza bucólica.

As férias passam, as crianças crescem e a fazenda também se transforma. Aquilo que um dia foi recebido como mágica ganha outros significados diante do tempo, das descobertas e das novas formas de olhar para o mundo. Mas alguns ensinamentos encontram maneiras inesperadas de permanecer.

Fazenda Mágica é um conto sobre infância, ancestralidade, conhecimento, memória e transformação. Uma narrativa em que os saberes atravessam gerações e revelam que, entre a magia e a ciência, há coisas que o tempo transforma sem conseguir apagar.

ISBN: 978-65-83344-44-1
CTC
9 786583 344441

EDITORA UNIFEBE